

A (RE)CRIAÇÃO DA INFÂNCIA NA SOCIEDADE MIDIÁTICA E SUAS REPRESENTAÇÕES NO AUDIOVISUAL.

Resumo

Tendo em mente que a infância é uma construção cultural, social e histórica, sujeita a transições, podemos dizer que a sociedade midiática tem modificado a imagem da criança e transformado a relação entre criança/adulto. Esse artigo tem como objetivo discutir sobre a nostalgia da velha infância e a chamada aqui de criança “perfeita” na era digital, a partir da análise do filme *A creche do papai* (Steve Carr, 2022). Visamos compreender como o filme dialoga sobre essas questões, em termos de linguagem e narrativa.

Palavras-chave: Infância, cinema, audiovisual, criança, educação.

Abstract:

Keeping in mind that childhood is a cultural, social and historical construction, subject to transitions, we can say that the media society has modified the image of the child and transformed the relationship between child / adult. This article aims to discuss the nostalgia of old childhood and the so-called "perfect" child in the digital age, from the analysis of *Daddy's Daycare* (Steve Carr, 2002). We aim to understand how the film dialogues on these issues, in terms of language and narrative.

Key words: Childhood, cinema, audiovisual, children, education.

Taís Moreira Mendes da Cruz (Autor)
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Submetido em SET/2020.
Aceito em OUT/2021.
Revisado em OUT/2022.
Publicado em NOV/2022.

INTRODUÇÃO

O conceito de infância surgiu a partir do século XIX, quando a criança passou a ter um papel construtivo na sociedade, deixando de trabalhar nas fábricas para frequentar as escolas. Antes, na idade média, não existia separação entre criança e adulto, não havia diferença, nem restrições de trabalho ou linguagem (SILVA, 2014). Philippe Ariès afirma que “a baixa taxa de alfabetização contribuiu para a ausência de uma diferenciação dos espaços sociais. As crianças foram julgadas como adultos, no modo de agir, no vestir, nas formas de comunicação e entretenimento [...]”.

A infância tornou-se, então, essa linha divisória entre duas fases: a criança e o adulto. E a alfabetização serviu de impulso para o surgimento do que podemos chamar de infância moderna (SILVA, 2014).

No entanto, a infância, como qualquer outra construção social e cultural, está sujeita a mudanças. E desde que a criança conseguiu seu lugar na sociedade, ela vem sendo objeto de estudo. Uma questão exemplar é: como as mídias tecnológicas afetam o desenvolvimento para a fase adulta?

A criança da pós-modernidade se desenvolve em meio a estímulos visuais constantes, ela cresce e se descobre no mundo através de imagens disponibilizadas em diversas plataformas midiáticas – cinema, televisão, jogos e internet – na era da tecnologia e da livre informação.

A nova infância contemporânea nasce no mundo globalizado, e pode ser considerada um fenômeno econômico e cultural. A sociedade globalizada é predominantemente informacional, tendo sua base nas tecnologias de comunicação e informação. Esta última é o recurso que move o mundo, e a forma como ele se desenvolve. Surgem os mercados internacionais, fronteiras econômicas e culturais são diluídas, distâncias ficam menores, reforçando uma padronização e uniformização de ideais, valores e costumes (ALCÂNTARA e OSÓRIO, 2014).

E isso faz com que as diferenças se exaltem, resultando em exclusões sociais àqueles que não acompanham os padrões impostos pela globalização. Há o aumento de movimentos extremamente nacionalistas e xenofóbicos, assim como preconceitos para com outras minorias. Uma sociedade individualista e consumidora.

Essa sociedade consumidora das novas mídias é extremamente estética - a vida é voltada para o consumo do mais belo – rumo ao *homo aestheticus*. As éticas tradicionais entram em declínio e surge a tendência da estetização da ética - tornar a vida em estética, a estética da existência - onde a vida íntima e privada invade o cenário público da mídia. Como consequência, cada vez mais jovens e crianças sofrem de problemas psicológicos, estresse e ansiedade. Um sentimento de vazio, de "perdição" em relação ao que vivem. A TV e outras mídias, como o cinema, representam uma perfeição inalcançável para o jovem, o que gera uma insatisfação constante com a própria vida. (RANCIÈRE, 2002).

E nessa sociedade, passamos a "consumir" nossa própria cultura, em busca da promessa de uma vida feliz. Estamos rodeados de excessos, onde o consumo se torna uma forma de compartilharmos algo - símbolos, códigos - que demarcam ainda mais as desigualdades sociais e econômicas. Onde a vida pública através das redes sociais, serve como mediadora do sucesso ou fracasso por meio da estetização do modo de viver.

É nesse cenário que a infância contemporânea se constrói: consumo, mídia e tecnologia. E dentro dela a infância assume um novo papel, o de público alvo, tornando a criança como parte da sociedade de consumidores. Consumo não apenas de produtos, mas também de representações nas mídias. A escola que sempre teve o papel de introduzir a criança à vida em sociedade, e de prepará-la para fase adulta, agora é lugar de trocas culturais e também passa por suas crises no mundo globalizado (SILVA, 2014).

Desta forma, refletiremos primeiramente sobre o papel da escola, a matriz da infância moderna; posteriormente abordaremos o papel das mídias na construção da nova infância; as implicações de uma sociedade midiática - a estetização da ética; e, por fim, faremos uma análise de como essas questões aparecem no filme e em algumas outras obras audiovisuais.

O papel da escola

Desde o início do conceito *infância* a escola manteve um papel principal na construção social da criança, sendo o primeiro espaço onde ela aprende a conviver em sociedade e não em família.

Com os avanços tecnológicos e a era da informação livre, a educação passou por seus próprios processos de transformação. Baseando-se na pedagogia do consumo, não só através de plataformas midiáticas, mas pelo consumo de tecnologia de informação nas salas de aula, prevalecendo a autonomia da criança, se faz a educação contemporânea (PETERSEN e SCHMIDT, 2014).

Sugerindo uma nova "forma" de ser criança, onde o consumismo infantil é base cultural, sendo até razão para exclusão social – por *status* socioeconômico – ou a criança faz parte desse mundo a qual ela é apresentada, ou será excluída de sua sociedade, no caso os amigos de escola.

A Pedagogia do consumo, através de publicidade infantil e das mídias, ensina às crianças o que elas precisam e/ou devem desejar, pensar e fazer para serem felizes, bem sucedidos, etc. Não só isso, como também, ensina uma visão de mundo, valores e normas sociais, criando identidades baseadas no consumo.

Mídia, cinema e publicidade infantil.

Entende-se por mídia, todo meio de comunicação das massas que transmite notícias e informações, depois como todo canal de publicidade e comunicação que faz uso de aparelhos e dispositivos tecnológicos (GUEDES, 2014). Na sociedade contemporânea as mídias, não

apenas eletrônicas, passam a ocupar um lugar central de definição sociocultural e processos de construção da realidade.

As práticas infantis de consumo se dão além da família e escola, afinal “a sociedade do consumo é também uma sociedade do consumo da comunicação” (ROCHA, 2008, p.129), e a relação entre a infância e os seus hábitos de consumo midiático se entrelaçam, criando uma nova configuração social, por onde passa a circular diversos conteúdos direcionados a criança.

Discursos sobre a era de ouro da infância são feitos em contrapartida as mudanças ocorridas nas construções sociais infantis, defendendo a ideia nostálgica de um tempo onde se era possível ser criança sem as opressões do mundo adulto, onde a criança brincava na rua e na escola, subia em árvores e jogava com bolinhas de gude, e que, devido ao aumento dos índices de violência entre outros aspectos, não seria mais possível atualmente.

Houve então esse deslocamento do espaço da criança. Seu lugar principal de lazer deixa de ser público – escola e rua – e passa a ser em espaços familiares e privados – sua casa e seu quarto. Porém a privatização do lazer acaba por se tornar pública através das redes sociais.

A partir disso, desenvolve-se um aumento do acompanhamento e supervisão do tempo de lazer da criança por parte dos adultos, colocando-a em diversas instituições – como cursos de idiomas, esportes, artes – promovendo uma “curricularização” das atividades. Preparando a criança não só para o mundo adulto, mas também o profissional, acreditando-se terem o mesmo significado.

Essa terceirização na educação, além de mudanças nas estruturas familiares como o aumento de trabalho parental, a ocupação da mulher no mercado de trabalho, e outros elementos, configuram a criança, que deixada a seus meios, faça das mídias e tecnologias informacionais seu modo de socialização.

O marketing para o público-alvo infantil, em especial na área cinematográfica, apela para o emocional e sensorial, nos quais os filmes tentam fortalecer valores “esquecidos” pela infância midiática. Usando de estruturas narrativas e construções como: crianças em grupos que formam sua própria sociedade e a figura do adulto como mentor ou vilão, mas sempre distante daquilo que vivem (SILVA, 2014).

Essas obras audiovisuais voltadas para o público infantil, usualmente são sobre a relação criança/adulto. Onde a mensagem normalmente é de busca, união e autonomia da criança. E essa representação nostálgica no cinema tende a posicionar o adulto e a criança contra os valores do hiperconsumo.

Tomando os valores da “velha infância”, muitos dos filmes brasileiros destinados ao público infantil – em especial, filmes *live-action* – carregam elementos lúdicos que apresentam as novidades, os anseios e a tecnologia de uma infância não muito distante, mas passada. (SILVA, 2014, p.85).

A estética da nostalgia pode, portanto, ser menos que uma simples questão de memória, e sim uma projeção complexa: a invocação, uma história idealizada parcialmente, que se funde com a insatisfação do presente.

A estetização da ética.

Estética significa sensação, sensibilidade, conhecimento sensível-sensorial, trata-se de beleza e aparência, enquanto entende-se por ética o ser, conhecer, verdade, tratando-se de fundamentos e razão (HERMANN, 2002).

As menores distâncias trazidas pela globalização teve seu efeito na mistura e afronta de culturas e estilos de vidas distintas. Fazendo com que a experiência estética se sobressaísse a ética, justamente esses diferentes estilos de vida.

O estético está sempre associado a alguma coisa outra que o 'si mesmo', seja essa outra coisa o sujeito, o belo, o sublime, a verdade ou a obra de arte. Ele faz com que algo aconteça — um juízo, uma ideia, um engajamento da imaginação ou o lampejo da plenitude vindoura, todos sendo resultados do estético, portanto não mais estéticos no caráter. E, no entanto, o estético

também não é uma entidade flutuando livremente, mas está sempre conectada a alguma coisa dada, da qual tem necessidade a fim de se desvelar e, ao mesmo tempo, forjar para si próprio o dado (ISER, 2001, p. 40).

A estetização da vida no mundo contemporâneo acontece em relação ao indivíduo, definindo novas formas de interação social. Foucault pergunta " a vida de cada pessoa não poderia se tornar uma obra de arte?" (1984, p.50). As novas formas éticas assumem uma característica predominantemente estética; o consumo do mais belo, baseadas principalmente na estetização da imagem, seja na arte – cinema, pinturas, design – ou do próprio indivíduo; seu modo de viver.

Análises de obras audiovisuais

O filme *A Creche do Papai*, dirigido por Steve Carr em 2002, acompanha a estória de Charlie, um pai de família que é demitido de seu emprego e acaba recebendo a responsabilidade de cuidar do filho enquanto sua mulher trabalha. Sem dinheiro suficiente para bancar a creche da Academia Chapman, e ao mesmo tempo sem a sorte de encontrar outra por um preço possível em condições favoráveis, Charlie decide abrir uma creche em sua própria casa com seu amigo Phil.



O filme demarca firmemente a divisão entre duas infâncias. A considerada boa infância por muitos, aquela onde a criança deve aprender brincando, e deve ser protegida do mundo adulto a qualquer custo, apenas se preocupando com seu desenvolvimento – infância moderna. E a segunda, o que chamaremos aqui de criança "perfeita", que se desenvolve em meio às mídias tecnológicas, e ainda que seja vista como uma fase distinta da adulta, necessitando de proteção, também é compreendida como um período de intensa preparação para adentrar no mundo dos adultos – infância contemporânea. Sendo a primeira exercida na creche do papai e a segunda na Academia Chapman.



As cores e a direção de arte em geral também ajudam a dividir essas duas infâncias muito bem. As cores vibrantes e fortes do carro da creche do papai e a casa onde eles trabalham em contraste com os uniformes de cores neutras e "sem graça" da Academia Chapman. A postura das crianças nos diferentes lugares também é marcante, posicionadas nas diferentes sociedades como membros ativos.

Essa "nova" infância começou a surgir principalmente quando as mulheres passaram a ocupar um lugar no mercado de trabalho, deixando a velha estrutura familiar para trás. O que é passado no filme quando Kim, esposa de Charlie, decide voltar a trabalhar agora que o filho Ben está com 4 anos. As novas estruturas familiares foram ocupando espaço no mundo

contemporâneo e exercendo cada vez mais influência nas decisões parentais, permanecendo um maior controle sobre a vida da criança.

A partir do momento que Charlie é demitido, eles não podem mais cobrir os gastos da creche absurdamente cara, demonstrando dessa vez que a infância contemporânea, aqui citada, ainda não alcança às massas, por ser exclusividade de uma classe econômica média/alta. Crianças que passam a maior parte do dia nas escolas, longe dos espaços privados e familiares, participando de muitas atividades extracurriculares que irão formá-las como futuros cidadãos da sociedade é a realidade que ainda apenas os de renda mais alta podem pagar. Excluindo, assim, aqueles que não possuem as mesmas condições socioeconômicas, que são deixados para trás na grande corrida da vida estetizada pelo sucesso financeiro e outros.

Além da questão social, podemos perceber claramente o abandono emocional dos pais nessas situações. No início do filme, percebemos que Charlie é tão ocupado com o trabalho que não dá muita atenção para seu filho e esposa, vivendo distraído perto deles e chegando atrasado em compromissos. É apenas quando Charlie abre sua creche que ele passa a ter mais tempo para o filho e a ouvi-lo mais. A partir disso podemos perceber outros detalhes como as diferentes representações de paternidade, trazendo perguntas como: o que é ser pai?



O filme trabalha com a questão: "como educar meu filho (a)?" Por todo seu percurso. Deveremos deixar a criança aprender brincando, protegendo-a de outras responsabilidades do mundo dos adultos? Ou devemos guiá-los a aprender os passos de uma boa vida profissional, as colocando a responsabilidade de se tornarem adultos e profissionais bem-sucedidos?

A primeira opção é sempre a defendida pela narrativa, o que não surpreende, já que filmes infantis são feitos por adultos e acabam imprimindo *suas* visões sobre uma infância que consideram ideal, na maioria das vezes perdida em seus passados e com isso surgindo o sentimento nostálgico expressado nessas obras.

A narrativa do filme *A creche do papai* constrói uma linha forte entre os adultos e as crianças. Levam os dois lados ao extremo, com a Academia Chapman onde crianças são incentivadas a pensar no futuro profissional, vestibular etc. – nesse caso ainda protegidas por uma bolha social e econômica, formando eles sua própria sociedade de crianças; e do outro lado a creche do papai, onde as crianças são ouvidas e levadas em consideração nas decisões

de aprendizado tanto quanto nas de lazer – formando então, novamente, uma sociedade de crianças, dessa vez diferenciada e no entanto com um quê de semelhança.

Tudo isso acompanhado de muito humor, que algumas vezes é direcionado apenas para os adultos. Pois, lembrando que, os realizadores de filmes infantis são adultos. Eles não só querem entreter os filhos (as) com a narrativa, mas também os pais, para incentivá-los a assistirem ao filme, ou seja, filmes para toda a família, tornando assim a obra mais lucrativa.

No fim, o longa nos mostra como a boa e velha infância - aquela não perturbada pela nova configuração de família ou as tecnologias que facilitam o ensino – vence e é melhor que a infância proclamada por alguns como “perfeita” – por ser um modo de agilizar a entrada das crianças no mundo dos adultos. Porém, cabe a nós mesmos verificar a autenticidade dessa afirmação, pois o filme leva as duas possibilidades ao extremo, distorcendo alguns fatos da realidade.

O filme francês de animação, *O Pequeno Príncipe* (2015) baseado em um livro de mesmo nome do autor Antoine de Saint-Exupéry, revela uma relação entre mãe e filha, a pressão por parte da primeira para que a segunda estude vigorosamente e ingresse em uma escola renomada. A filha que no início se dedicava muito ao plano de estudos feito pela mãe, conhece um vizinho que lhe apresenta um mundo novo onde ela não tem de se preocupar com os livros de matemática, e passa a não se importar muito se iria entrar ou não na instituição.

Além de várias referências visuais de como o mundo dos adultos é monótono e sem graça, onde nada muda e cada indivíduo vive sua rotina repetidamente sem alterações, a narrativa deixa clara a divisão entre adultos e crianças, quando a filha encontra o pequeno príncipe preso no mundo dos adultos – literalmente – sem nem ao menos se lembrar de como era ser criança.



Outras obras audiovisuais como *Big Little Lies* (2017), a minissérie norte-americana da HBO também baseada no romance de mesmo nome por Liene Moriarty, retrata a infância contemporânea de maneira sutil e leve. Crianças com seus *smartphones* e *tablets*, outros diversos aparelhos eletrônicos convivendo em sua própria comunidade infantil, consumindo uma cultura dirigida a elas. A obra também demonstra a questão financeira – quase toda a comunidade é formada por cidadãos de classe média alta. Outro aspecto seria o fato das

crianças reproduzirem alguns gestos das rotinas de seus pais e mães, como o vício pelos celulares e a internet, as multitarefas realizadas por eles, etc.



O mercado cinematográfico infantil é propenso a criticar a infância contemporânea, contemplando a moderna. Porém, quando o mercado não é dirigido para os mais jovens, a balança tende a se equilibrar. *A Creche do Papai* e *O Pequeno Príncipe*, e do outro lado *Big Little Lies* como exemplos.

Conclusão

Todas essas obras audiovisuais tentam expressar suas opiniões sobre a infância e como a criança deve se desenvolver em seu meio. Na maioria das vezes a relação de infância moderna e contemporânea é levada ao extremo causando certo desconforto.

Por um lado, esses adultos nostálgicos pela infância que consideram a “verdadeira”, aquela em que a criança aprende brincando e apenas assim. Esses mesmos defendem que a linha criada historicamente divisora da infância e da idade adulta está desaparecendo, apagando-se. Por outro lado, há aqueles que acreditam que essa linha está apenas se modificando, tornando-se algo mais complexo ainda. Afinal, existe todo um mercado voltado apenas para criança, onde ela é vista como consumidora independente e vive em uma bolha construída pela família a fim de protegê-la do mundo o máximo possível. De modo que a linha divisória não desaparece, a infância não se perde, mas transforma-se em algo novo.

Os debates são extensos, e as modificações estão cada vez mais rápidas, enquanto o mundo muda a criança muda junto. A nova infância tecnológica na sociedade midiática só tem a nos surpreender, pois está sempre a evoluir e se transformar.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Alessandra; GUEDES, Brenda (org.). **Culturas infantis do consumo: práticas e experiências contemporâneas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014.

ARENDT, Hanna. **A crise na educação**. In: Entre o passado e o futuro. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. 3ª reimpressão da 5ª ed. de 2000. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AVELLAR, José Carlos. **Pai, país, mãe, matria**. ALCEU - v.8 - n.15 - p. 217 a 237- jul./dez. 2007

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Juventude e mídia: possíveis singularidades de uma audiência ativa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

FOUCAULT, Michel. “Sobre a genealogia da ética”. In: FOUCAULT, Michel. **Dossier/Últimas entrevistas**. Org. de Carlos Henrique de Escobar. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.

FRESQUET, Adriana. **Cinema, infância e educação**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30. Caxambu, MG, 07 a 10 de outubro de 2007. Disponível em:

www.anped.org.br/reunioes/30ra/grupo_estudos/GE01-3495--Int.pdf. Acesso em: 06 de setembro de 2017.

HERMANN, Nadja. **Razão e sensibilidade: notas sobre a contribuição do estético para a ética**. Educação & Realidade, v. 27, n. 1, p. 11-26, jan./jun. 2002.

ISER, Wolfgang. **O ressurgimento da estética**. In: ROSENFELD, Denis (Org.). “Ética e estética”. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

RANCIERE, Jacques. **A revolução da estética e seus resultados**. In: New Left Review, NLR 14, Março-Abril 2002, pp. 133-15.

SODRÉ, Muniz. “Espaço e cognição”. In: SODRÉ, M. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2012

Filmografia:

A invenção da infância. Documentário, 26 mim. Direção: Liliana Sulzbach. 2000.

A creche do papai. 2002. Direção: Steve Carr.

Educação. 2009. Direção: Lone Scherfig.

Palavras de amor. 2012. Direção: Bee Season.

O menino maluquinho. 1995. Direção: Helvécio Ratton.

Ratatoille. Pixar, 2007.

Pequeno príncipe. 2015 Direção: Mark Osborne.

Big Little lies. HBO, 2017.